



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

CONCORDÂNCIA VERBAL EM P6 NO INTERIOR DO ESTADO DA BAHIA: DUAS NORMAS EM DEBATE

Maria Zélia Alves Nogueira#####
(UESB)

Jorge Augusto Alves da Silva#####
(UESB)

Valéria Viana Sousa*****
(UESB)

RESUMO

Investigamos, na presente pesquisa, a variação da concordância verbal de terceira pessoa do plural, em textos de alunos do 6º e do 7º anos do Ensino Fundamental, no município de Palmas de Monte Alto-BA, com o objetivo de identificar os fatores que motivaram a ocorrência de tal fenômeno e propor um ensino de língua portuguesa pautado no uso linguístico. Consideramos as hipóteses: 1) a origem dos alunos reflete diretamente sobre a variedade linguística que utilizam; 2) a escola em estudo, composta por uma clientela heterogênea, que atende tanto alunos da zona rural como urbana, embora esteja cumprindo o seu papel de transmissora da tradição gramatical, enfrenta um enorme contraste entre o que é ensinado e a realidade linguística desses falantes. Este estudo fundamenta-se na metodologia da análise quantitativa da pesquisa Sociolinguística Variacionista.

* Mestranda pelo Profeletras – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia: UESB, Bolsista pela CAPES, professora de Ensino Fundamental II pelo município de Palmas de Monte Alto – BA (zeliapma@hotmail.com)

** Doutor em Letras (área de concentração em Linguística Histórica) pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), Professor Titular da Área de Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, coordenador do Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e do Grupo de Pesquisa em Sociofuncionalismo – CNPq. (adavgvstvm@gmail.com)

*** Doutora em Letras (área de concentração em Linguística e Língua Portuguesa) pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Professora Titular da Área de Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, coordenadora do Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e do Grupo de Pesquisa em Sociofuncionalismo – CNPq. (valerivianasousa@gmail.com)

#####



PALAVRAS-CHAVE: Língua, Variação, Concordância verbal.

INTRODUÇÃO

Por ser a língua um instrumento de comunicação que serve a uma coletividade e que, por isso, sofre variação constantemente a critério de seus agentes, os falantes, ao utilizá-la, com ou sem consciência explícita de sua estrutura, trazem para seu discurso características socioculturais que podem facilmente identificar a sua origem. Em outros termos, o homem fala de lugar em que se insere geográfica, ideológica e culturalmente. Dessa maneira, encontramos respaldo nas palavras de Alkmin (2001, p.39), que diz: “no ato de interagir verbalmente, um falante utilizará a variedade linguística relativa à sua região de origem, classe social, idade, escolaridade, sexo etc. e segundo a situação em que se encontrar”.

O fenômeno a ser observado neste trabalho é o emprego ou não da concordância verbal nas produções escritas de estudantes do 6º e do 7º anos do Ensino Fundamental, do Colégio Municipal Eliza Teixeira de Moura, no município baiano de Palmas de Monte Alto. Pretendemos, com este estudo, investigar, à luz da Sociolinguística, a variação da concordância verbal (CV) de terceira pessoa do plural (P6), que se apresenta na escrita desses alunos bem como auxiliar os professores na compreensão das ocorrências encontradas nas referidas produções textuais. Assim, esses professores poderão perceber como o ensino de língua portuguesa pode ser realizado mediante a adoção de uma proposta de ensino de gramática pautado no uso linguístico (NEVES, 2003).

Esta investigação se justifica, pois, por ser a variação da concordância verbal, um fator de distinção entre os falantes da variação de prestígio e os da variação popular da língua, esse fenômeno variacional acaba disseminando o preconceito linguístico e a exclusão daqueles que não se enquadram nos padrões da norma culta. Assim, “o forte contraste entre o uso ou não do mecanismo de concordância e as políticas de ensino [...]



indicam a necessidade de se conhecerem as regras em uso pelas diversas comunidades de falantes” (VIEIRA, 2009, p. 85).

Assim, levantamos as seguintes hipóteses: a não realização da concordância verbal na flexão de número na terceira pessoa do plural está relacionada à origem desses adolescentes; e, devido à heterogeneidade da escola escolhida – pois recebe alunos tanto de comunidades rurais como de bairros diversos da cidade – embora cumpra sua tarefa de ensinar a norma padrão, enfrenta um enorme contraste entre o que é ensinado e a realidade linguística desses falantes. Por essa razão, buscamos novas alternativas para o ensino, à luz da perspectiva sociolinguística.

A ABORDAGEM SOCIOLINGUÍSTICA

Com o surgimento da Teoria Sociolinguística Variacionista, na década de 1960, a partir dos trabalhos de William Labov e Herzog, a língua passa a ser entendida em seu caráter social. Essa teoria tem como objetivo principal, abordar a variação nos estudos linguísticos, tendo em vista que o Estruturalismo e o Gerativismo não incluíram esse aspecto da língua em suas pesquisas. Essa teoria estuda a língua em seus diferentes contextos de uso, cuja variação é vista como um processo que ocorre não por acaso, mas devido a fatores linguísticos e extralinguísticos. Desse modo, constata a heterogeneidade da língua enquanto sistema inerentemente variável, propenso a mudanças. Contudo, tal variação não afeta a estrutura da língua, por considerá-la como um sistema⁺⁺⁺⁺⁺; logo, ordenado. Assim, de acordo com Cezário e Votre (2013), os estudiosos dessa corrente procuram investigar como determinado fenômeno está sendo favorecido no uso da língua ou desaparecendo, através da constatação do número de ocorrências de uso de uma variante.

+++++ Um sistema nada mais é do que um conjunto de elementos, concreto ou abstrato, intelectualmente organizado.



Em virtude da diversidade sociocultural dos falantes, as alterações ocorrem na estrutura da língua, visando ao favorecimento do processo de comunicação natural dos seres humanos, pois para possibilitar esse processo de comunicação vão se manifestar nesses usos diversos fatores condicionantes. De acordo com Faraco (2008), não existe língua que não apresente variação linguística. Esta, embora seja regular e sistêmica em meio à aparente irregularidade, não opera de forma autônoma, pois precisa de outras variáveis que influenciam o comportamento da variação.

Segundo Mollica (2013), embora não sejam cabíveis juízos de valor, a variação linguística está sujeita à avaliação social positiva e negativa, podendo, com isso, incluir ou excluir o falante na escala social. Assim, falantes com maior grau de monitoração e letramento são considerados cultos e, por isso, não correm o risco de sofrer os estigmas linguísticos.

A sociolinguística, na tentativa de erradicar o preconceito linguístico, tem demonstrado interesse na análise desse aspecto. Todavia, o ensino ainda se orienta em conceitos pré-estabelecidos pela tradição gramatical, que desconsidera o fato de que a aquisição da linguagem parte de uma variante informal, adquirida no seio do contexto sociocultural linguístico de origem do falante, segundo orienta a concepção de gramática internalizada (FRANCHI, 2006). Essa variante informal, somente depois, por um processo de letramento, pode alcançar o nível mais monitorado, próprio das variedades cultas e da tradição literária.

Em nossa pesquisa, em função da natureza do que estudamos, elegemos a teoria sociolinguística como norteadora deste estudo por encontrarmos nela o entendimento de que a língua é uma realidade heterogênea e por tal entendimento nos levar a buscar novas formas de abordar as questões relativas ao sistema linguístico. Por isso, acreditamos que a escola é o melhor caminho para a diminuição do preconceito linguístico, pois, se ela exerce o poder de formar seres humanos mais democráticos, em se tratando da língua, os alunos poderão ser levados a refletir sobre os diferentes contextos de usos linguísticos, com respeito às variedades.



Em relação à situação linguística do PB, as pesquisas sociolinguísticas apontam diferentes resultados; acerca da CV, por exemplo, esses estudos demonstram que o contexto histórico brasileiro, marcado pelo contato entre línguas, se reflete na aplicação quase categórica da variante zero no PB, favorecendo avaliações negativas sobre o vernáculo utilizado pelas populações mais pobres e de origem africana.

Devido a essa herança afro-brasileira, verificam-se maiores índices do uso da variante zero, não só nesse contingente populacional, mas em todas as populações rurais isoladas, em que o acesso aos recursos midiáticos e a mobilidade desses moradores ocorreu (se ocorreu) tardiamente, além da pouca atenção dada à escola.

Assim, se percebe que o perfil linguístico desses falantes tem suas origens no passado histórico em que se configurou a formação da sociedade brasileira e, conseqüentemente, o PB. Nas palavras de Araújo, 2014, p. 177:

[...] a vernaculidade brasileira é muito bem expressa por meio da não realização das marcas de número nas formas verbais e isso é um forte indício de que os quatro primeiros séculos da história do Brasil, marcados pela presença constante da população de origem africana – acompanhadas de políticas públicas segregatícias e oligárquicas –, foram decisivos para dar origem às principais características do PB.

A posição assumida por alguns pesquisadores é a de que, não obstante a variação seja categórica, a situação sociolinguística do Brasil na atualidade caminha para a aquisição das marcas de plural (ver p. ex., Lucchesi, 2000; Silva, 2005), pois, se percebe uma forte tendência ao uso da marca explícita de plural nos verbos, principalmente em contextos rurais, em que já houve um progresso em relação à mobilidade de acesso dessas populações aos meios de comunicação de massa e à cultura urbana (BORTONI-RICARDO, 2011).

A situação linguística brasileira é peculiar à sua formação cultural, o que a torna bem diferente do contexto lusitano, haja vista que lá não se constatou uma significativa ocorrência de variação (LUCCHESI, 2000). O PB estabelece uma relativa igualdade em



relação ao PE apenas quando se trata da norma culta, pois, enquanto em Portugal as regras de concordância são quase categóricas, no Brasil, conforme Lucchesi (2000) existem duas variedades distintas no PB: de um lado estão as variedades cultas, que, segundo Mollica (2013), não sofrem os estigmas sociais (contexto que se aproxima mais da realidade europeia), e do outro, as variedades populares, típicas das regiões rurais interioranas (BORTONI-RICARDO, 2011), que carregam os estereótipos de língua minoritária, em relação às demais.

Muitos pesquisadores, a exemplo de Lucchese (2000) e Silva (2005), têm demonstrado interesse em investigar o vernáculo dos falantes das classes populares, principalmente em comunidades rurais isoladas e/ou afro descendentes, com o intuito de buscar subsídios para o entendimento dos processos que levaram a tal variação linguística. Essas pesquisas têm demonstrado, por meio de observação empírica, maior grau de ocorrência de variação no uso da língua.

Silva (2005), partindo da hipótese de que o PB resulta de processos derivados do contato entre línguas, investigou a CV em P6 na fala de informantes de três comunidades inter-relacionadas no interior da Bahia (Cinzento, uma comunidade afro-brasileira, por sua origem quilombola; Morrinhos, povoado rural interiorano; e Poções, uma pequena cidade típica do interior baiano).

O autor constatou na fala dos informantes das três comunidades observadas que a maior frequência de uso da marca de plural ocorreu, linguisticamente, quando o núcleo do sujeito está adjacente ao verbo e acompanhado de marca explícita de plural; quando o sujeito apresenta o traço [+ humano]; e nos casos em que a oposição singular/plural é mais saliente. Por outro lado, desfavorecem a aplicação da marca de plural a posposição do sujeito separado por um pronome relativo e o traço [- humano].

Em relação aos fatores sociais, o autor observou, quanto à variável Sexo, que os homens utilizam mais a marca de plural do que as mulheres; e atribui a esse resultado o fato de serem as mulheres mais apegadas aos seus lares, enquanto que os homens



apresentam maior mobilidade social, e, com isso uma tendência maior para a aquisição das marcas de plural.

Em se tratando da variável Diazonalidade dos informantes, o autor verificou que a comunidade de Cinzento apresentou o menor percentual de aplicação da marca de plural nos dados analisados, o que pode ser explicado devido ao seu grau de isolamento em relação às demais comunidades observadas. Por outro lado, Poções apresentou o maior percentual de aplicação de marcas de número nos verbos, conferindo a esses falantes, segundo o autor, uma característica de moradores da zona urbana em relação aos informantes de origem rural.

Araújo (2014) investigou a concordância verbal em P6 na fala culta e popular da cidade de Feira de Santana – BA. Linguisticamente, a autora aponta o sujeito anteposto ao verbo como fator favorecedor da marca de plural. Por outro lado, o sujeito posposto desfavorece essa marca. Em se tratando dos fatores extralinguísticos, quanto à variável Sexo dos informantes, de modo geral, foi constatado que as mulheres tendem à aplicação das regras de concordância mais do que os homens.

No tocante à variável Diazonalidade, a autora relata em seus resultados que os falantes urbanos apresentam um percentual maior de aplicação da marca explícita de plural (96% dos dados coletados), e atribui a isso, o fato desses falantes terem mais acesso à variedade urbana culta; enquanto que os falantes da zona rural tiveram maior índice de aplicação da marca zero (24.5%), na amostra observada. Interpreta, pois, essa bipolarização do PB, verificado em Feira de Santana, como um reflexo da polarização sociolinguística que caracteriza a sociedade brasileira desde a época da colonização até a atualidade (LUCCHESI, 2000).

No presente artigo, devido à especificidade da escola escolhida, apoiamo-nos nas ideias de Lucchesi (2000), Silva (2005) e Araújo (2014), os quais, investigando o contexto rural do interior da Bahia, têm observado que o modo peculiar em que esses falantes utilizam o vernáculo faz-se de fundamental importância para o entendimento das características do PB, assim como para a compreensão do tema da concordância



verbal. Ademais, o modo peculiar de falar observado nas comunidades rurais, conforme interpreta Araújo (2014, p. 185) “guardam preciosas informações sobre a constituição e a formação do vernáculo brasileiro, haja vista que essas comunidades mais isoladas [...] situam-se no extremo sociolinguístico brasileiro e seus habitantes expressam o vernáculo nacional”.

Nesse contexto, a linha de pensamento de Lucchesi (2000), na qual esta investigação se orienta, confere grande relevância ao estudo da variação da concordância verbal em P6 para entendimento sobre: o contato entre línguas na constituição da realidade linguística brasileira; os fatores que favorecem/desfavorecem a variação de CV; assim como, que metodologias de ensino podem ser mais eficientes para a compreensão desse tema pelos educandos em sala de aula. Esse autor considera o PB como uma realidade bipolarizada, por apresentar de um lado a norma culta, falada pela elite brasileira com origens a partir da vinda da aristocracia portuguesa, no período colonial, e de outro, a norma popular, resultante do processo de transmissão irregular de língua materna aos nativos. Nesse mesmo contexto, com a aquisição de uma segunda língua, surge a ocorrência de inovações favorecidas pelo contato entre línguas. Compreende-se, pois, que a variação da concordância verbal no PB é resultado de um processo que vem caminhando desde a época da colonização.

Desse modo, segundo Lucchesi, Baxter e Silva (2009, p. 333-334):

[...] na norma popular, as diversas comunidades de fala apresentam um cenário de mudança em curso no sentido do incremento da aplicação da regra de concordância, o que vai de encontro à hipótese lançada por Naro (1981) de que no PB estaria em curso um processo de perda das marcas de concordância e desautoriza a visão da ação de uma deriva secular, defendida por Naro e Scherre (1993, 2007).

Os autores supracitados observam, pois, mudanças em curso distintas, conforme mostraram os resultados das pesquisas realizadas em comunidades afro-brasileiras e



vão de encontro à hipótese da deriva secular. Nas pesquisas realizadas por eles, constatou-se que os mais jovens tendem a usar com mais frequência a regra de concordância e, assim, consideram isso como uma mudança aquisicional e não como uma perda gradual de marcas de plural.

Em relação ao fenômeno da concordância verbal, objeto de estudo desta investigação, constatamos, na presente pesquisa, que: 1) a aplicação da marca zero no PB é um reflexo do processo de transmissão linguística irregular aos nativos, que remonta do período colonial no Brasil; 2) a aplicação da marca zero está intimamente ligada aos falantes de origem rural, pois foram as populações rurais isoladas que mais sofreram erosão na flexão verbal de número, devido ao grau de isolamento desses falantes; 3) embora a marca zero seja mais utilizada pelos falantes rurais, acreditamos que, futuramente, esses falantes possam adquirir a norma culta, na direção de uma estratificação social mais ampla, pois se verifica uma tendência desses falantes para a aquisição das marcas de plural nos verbos.

Este estudo procura mostrar a importância de se valorizar os usos linguísticos no ensino de língua portuguesa nas escolas, como forma de levar essa clientela, que não se enquadra nos padrões linguísticos que a gramática tradicional preconiza, a conhecer e adquirir a modalidade culta da língua. Infelizmente, a escola ainda se prende a conceitos e regras impostos pela norma padrão, que desfavorecem a aprendizagem significativa dos alunos e não os impulsiona para a adequação do seu vernáculo à norma culta.

METODOLOGIA

O presente artigo é um recorte de uma dissertação (em construção), na qual analisamos amostras de um *corpus* constituído de textos narrativos produzidos por vinte alunos do 6º e do 7º anos do Ensino Fundamental do Colégio Municipal Eliza Teixeira de Moura, da cidade de Palmas de Monte Alto-BA.

O Colégio Municipal Eliza Teixeira de Moura, localizado no centro da cidade de



Palmas de Monte Alto é a única escola que contempla o Ensino Fundamental II na região urbana da cidade, composta por estudantes tanto da cidade quanto da zona rural. As salas do 6º e do 7º anos (turmas escolhidas) são compostas por, em média, 32 a 37 alunos, com faixa etária entre 11 e 18 anos de idade, incluindo homens e mulheres.

A partir da coleta das produções de textos dos informantes, alunos do 6º e 7º anos do Ensino Fundamental, identificamos e analisamos quantitativamente o uso da concordância verbal de terceira pessoa do plural nessas produções. A realização da análise foi precedida de duas etapas: a seleção dos informantes e a aplicação das atividades.

DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Com base na teoria da variação laboviana (LABOV, 2008 [1972]), o presente artigo procura descrever e analisar quantitativamente o fenômeno da CV nas produções textuais dos alunos. Para a composição dos dados, recolhemos 80 textos narrativos escritos por alunos do Ensino Fundamental II, os quais foram descritos e analisados, considerando, linguisticamente, os grupos de fatores *Realização e posição do sujeito* e *Saliência fônica*. Quanto às variáveis sociais, consideramos para análise *Diazonalidade* e *Sexo* dos informantes.

Foram coletados 621 dados (Masculino e Feminino) com 444 ocorrências do emprego da CV na forma padrão, 71.5 % dos dados e 177% de ocorrências na forma não padrão, que equivale a 28.5% do total de realizações; assim, concluímos que o uso da variante padrão foi mais recorrente do que o uso da variante não padrão na amostra analisada. Para fins de comprovação dos dados, explicitaremos os grupos de fatores e as transcrições respectivamente.

Consideramos neste artigo (+) presença do morfema de terceira pessoa do plural (plural marcado ou variante padrão) vs. (-) ausência do morfema de terceira pessoa do plural (marca zero ou variante não padrão)



Para o controle da variável Realização e posição do sujeito partimos da hipótese de que a posição e realização do sujeito são condicionantes ou condicionadoras da aplicação da regra. Nesse caso, conforme Scherre e Naro (2007), para os casos de sujeitos plurais, quando os sujeitos estão distantes ou pospostos ao verbo ocorre o uso mais frequente de formas verbais no singular. Os resultados apresentados por esses dois autores, na língua falada do Brasil atual em relação à posição do sujeito mostraram que há menos usos de formas com concordância à medida que o sujeito fica mais distante do verbo ou quando está posposto a ele. Concluem então, que o sujeito anteposto ao verbo favorece a variante explícita de plural mais do que o sujeito posposto.

Nesta pesquisa os resultados demonstraram que o sujeito imediatamente anteposto favorece a concordância e, dessa forma, seu uso tende a cair à medida que o sujeito fica mais distante do verbo. Por outro lado, o sujeito posposto desfavorece a concordância, perfazendo um total de 59,1% do total de realizações. O menor índice de concordância foi conferido ao sujeito retomado por pronome relativo (52,6%), enquanto que o sujeito não realizado referencial atingiu o maior índice de concordância (80,0% do total de realizações).

A partir dos resultados da análise é possível depreender que a variação que se apresenta na escrita dos estudantes em relação à variável realização e posição do sujeito, caminha na direção da aquisição das marcas de plural. Ademais, os resultados confirmam a hipótese proposta por Naro e Scherre (2007), de que o sujeito imediatamente anteposto favorece a concordância, enquanto que a posposição desfavorece.

Para o controle da variável Saliência fônica, fundamentados em Silva (2005) e Santos (2014), consideramos como hipótese o fato de que quanto mais material fônico-morfológico for usado para marcar a diferença singular/plural mais haverá tendência à presença da forma padrão.

Naro e Scherre (2007) analisaram a saliência fônica em seis níveis de oposição fônica entre as formas singulares e plurais dos verbos, reduzindo essa hierarquia a dois



níveis apenas: o primeiro nível é o da oposição menos saliente (as oposições fonéticas não são acentuadas), como em *come/comem; ganha/ganham; falava/falavam; faz/fazem* e o segundo nível, o da oposição mais saliente (as oposições fonéticas são acentuadas em pelo menos um dos membros da oposição), como em *dá/dão; comeu/comeram; ganhou/ganharam; é/são*. Constataram, a partir dessa análise, que a forma padrão tende a ser utilizada com menor frequência quando a oposição de formas verbais é menos saliente.

A análise dos dados da presente pesquisa apresentou os seguintes resultados em relação à saliência fônica: Nível 1 – 79,4%; Nível 2 – 58,4%; Nível 3 – 88,5%; Nível 4 – 50%; Nível 5 – 78,7%; Nível 6 – 80,0%.

Conforme os resultados apresentados, constatamos que o fator (2) demonstrou uma frequência significativa de realizações, porém, se percebe que a tendência é mais para a concordância na forma não padrão, conforme demonstram 58,4% de uso nessa modalidade. O uso da saliência fônica (5) apresentou o maior índice de realizações (207 de 263 dados coletados), com uma tendência a ser mais utilizada na forma padrão, que neste estudo foi de 78,7%. Todavia, o maior índice de realização foi conferido ao nível 3 com 88,5% dos dados analisados em oposição ao menor índice de realização da concordância verificado no Nível 4 (50% dos dados). Assim, os percentuais reportados nos níveis 3 e 4 vão de encontro à hipótese de que a forma padrão tende a ser utilizada com maior frequência quando a oposição de formas verbais é mais saliente e vice versa.

Em relação à Diazonalidade, com base em Silva (2005), defendemos a hipótese de que os falantes urbanos tendem a fazer mais concordância do que os falantes rurais. Na presente pesquisa os resultados da análise mostraram que os alunos urbanos realizam a concordância com mais frequência (79,9%) do que os alunos rurais, conforme o percentual de 59,4% dos dados, confirmando a hipótese levantada neste estudo.

Contudo, tanto o perfil rural quanto o urbano, evidencia um quadro relativamente baixo em relação à estimativa esperada para o nível de escolaridade dos alunos, por se tratar da escrita e não da fala, já que aquela possibilita maior grau de



monitoração estilística. Portanto, confirmamos a hipótese de que a escola enfrenta um contraste muito grande entre a metodologia de ensino (ainda presa à taxonomia das gramáticas tradicionais) e o contexto da heterogeneidade linguística apresentado pelos alunos que ela atende.

Em se tratando do fator Sexo, fundamentados em Paiva (2013), defendemos a hipótese de que as mulheres tendem a realizar a concordância na forma padrão com mais frequência do que os homens. Conforme demonstraram os resultados deste estudo, constatamos que contrariamente à hipótese levantada nesta investigação, foram os homens que fizeram uso da forma padrão com mais frequência (81,2% dos dados) e não as mulheres (a elas conferem 63,6% dos dados analisados).

Acreditamos, com base em Bortoni-Ricardo (2011, p. 26) que a capacidade dos falantes das variedades não padrão de adquirirem a variedade padrão é determinada pela sua oportunidade de mobilidade social; por isso, no contexto evidenciado em nossa pesquisa, como os homens apresentam mais mobilidade do que as mulheres, conseqüentemente têm mais possibilidade de adequarem o seu vernáculo ao uso da norma culta.

CONCLUSÕES

A partir da análise dos resultados desta pesquisa, constatamos que os alunos estudados tendem a utilizar com maior frequência a norma culta do que a norma popular da língua. Todavia, para que tenhamos um ensino efetivo, o professor deve levar o aluno a perceber a diferença entre a norma que ele utiliza e a norma padrão da língua, pois dessa forma, é possível envolver a variação linguística regional, social e funcional nas aulas de português, conforme orienta Bortoni-Ricardo (2014). E, com essa forma de ensinar, o aluno será levado à aprendizagem de maneira gradativa (FRANCHI, 2006).



REFERÊNCIAS

- ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística (Parte I). In.: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (org.). **Introdução à Linguística: domínios e Fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001.
- ARAUJO, Silvana Silva de Farias. **A concordância verbal no português falado em Feira de Santana - BA: sociolinguística e sócio-história do português brasileiro**. Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2014.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- _____. **Manual de sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.
- CESÁRIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2013. 2ª reimpressão.
- FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira - desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- FRANCHI, Carlos.(Org). **Mas o que é mesmo "Gramática"?** – São Paulo: Parábola, 2006.
- LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso.
- LUCCHESI, Dante. **A variação na concordância de gênero em uma comunidade de fala afro-brasileira: novos elementos sobre a formação do português popular do Brasil**. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa). Faculdade de Letras. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000.
- _____; BAXTER, Alan; SILVA, Jorge Augusto Alves da. A concordância verbal. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza. (Org.). **O Português Afro-Brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009.
- MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza, (orgs). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2013.
- NARO, Anthony Julius, SHERRE, Maria Marta Pereira. **Origens do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- NEVES, Maria Helena de Moura. **Que gramática estudar na escola? Norma e uso na Língua Portuguesa**. São Paulo: Contexto, 2003.
- PAIVA, Maria da Conceição. A variável gênero/sexo. In MOLLICA, Maria Cecília. **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2013.
- SANTOS, Danilo da Silva. SILVA, Jorge Augusto Alves da. As variáveis sociais e o uso da concordância verbal: dados do português popular de Vitória da Conquista – BA. In: **Fólio: Revista de Letras v.6.n.1 (jan./jun.2014)**.
- SILVA, Jorge Augusto Alves da. **A concordância verbal de terceira pessoa do plural no português popular do Brasil: um panorama sociolinguístico de três comunidades**



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

do interior do Estado da Bahia. Tese (Doutorado em Letras). Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

VIEIRA, Silvia Rodrigues; BRANDÃO, Sílvia Figueiredo, (Orgs). **Ensino de gramática, descrição e uso**. São Paulo: Contexto, 2009.